

11 A 13
DE DEZEMBRO
DE 2024

EVENTO PRESENCIAL
NA UFRPE RECIFE

2º Congresso Internacional de Agroecologia
e Desenvolvimento Territorial (CIADT)
11º Seminário de Agroecologia e
Desenvolvimento Territorial (SEADT)

TEMA
Agroecologia política, sistemas alimentares e transições agroecológicas

UNIVASF UNEB APOIO CAPES

Relação de movimentos sociais urbanos com as práticas agroflorestais: uma experiência na Ocupação Tereza de Benguela em Maceió, Alagoas

Ítalo José Silva Amaral. Graduando em Agroecologia; Universidade Federal de Alagoas (UFAL); E-mail: italo.amaral@ceca.ufal.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6697739272438694> ; ORCID: 0009-0000-2611-4696

Luiz Felipe Barros Silva. Pós-doutorando em Serviço Social; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); E-mail: luizfelipebarross@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4854863952873709> ; ORCID: 0000-0003-3836-3360

Linha de Pesquisa: Ambiente, Saúde e Sistemas Agroalimentares.

1 Introdução

O modelo agroalimentar global, impulsionado pelo capitalismo predatório, tem causado inúmeros problemas. A financeirização das commodities agrícolas tem levado a aumentos de preços e crises alimentares, afetando particularmente as populações mais vulneráveis (De Paula *et al.*, 2016). Esse modelo, dominado por corporações transnacionais que controlam as cadeias de valor dos alimentos, tem resultado em impactos ambientais, econômicos, sociais e culturais significativos (Torrens, 2020). A acumulação de capital tem levado à associação de diversas empresas buscando rápida valorização, representadas por entidades corporativas e fundos de investimento que operam globalmente. Isso tem subordinado alimentos e terras à lógica especulativa, resultando em um aumento no número de pessoas famintas em todo o mundo (Lima *et al.*, 2021). No Brasil, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (IBGE, 2023), mais de 21 milhões de domicílios são afetados pela insegurança alimentar, onde 3,2 milhões destes, estão em situação de fome.

Estudos em vários contextos urbanos, incluindo regiões metropolitanas, demonstram que as práticas agroecológicas podem promover a resiliência social e ambiental, promover o

emprego e contribuir para estratégias de mitigação das mudanças climáticas nas cidades (Godoy e Benini 2024; Costa *et al.*, 2022; Alarcón-Rodríguez *et al.*, 2019). A agroecologia através de sua abordagem, tem sido promissora na mitigação da insegurança alimentar em centros urbanos. Iniciativas agroecológicas urbanas, como hortas comunitárias e quintais produtivos, têm demonstrado potencial para atender às necessidades de populações vulneráveis (Padrão, 2023). A combinação do conhecimento científico com práticas tradicionais mostra que é possível transformar espaços ociosos e verdadeiros lixões em cultivo de alimentos saudáveis nas cidades, aumentando a segurança alimentar e fornecendo alimentos nutritivos para as populações locais (Amorim, 2023).

O presente trabalho relata a experiência prática de uma iniciativa popular urbana que adota práticas agroecológicas, fruto da mobilização social dos moradores da ocupação Tereza de Benguela do Movimento dos Trabalhadores sem Teto (MTST) em conjunto com o Coletivos DATERRA e o Guerrilha Poética que transformou uma área que era usada para descarte de lixo em uma agrofloresta, sistema de cultivo diverso de alimentos.

2 Referencial teórico

A agroecologia urbana oferece uma abordagem sustentável e inovadora para enfrentar desafios contemporâneos, como a segurança alimentar, a resiliência ambiental e a saúde urbana. Ao integrar conhecimento científico com práticas tradicionais, ela busca transformar espaços urbanos, promovendo o cultivo de alimentos locais de forma produtiva e biodiversa. Estudos indicam que a agroecologia urbana tem o potencial de fornecer entre 15% e 20% dos alimentos consumidos globalmente, ao mesmo tempo em que melhora a qualidade do solo e a saúde das plantas, utilizando técnicas como o controle biológico e o uso eficiente de recursos naturais (Altieri e Nicholls, 2018). Além disso, a agroecologia urbana propõe a interação com os ecossistemas naturais, buscando não só alimentos mais saudáveis e nutritivos, mas também promovendo a sustentabilidade das cidades e a equidade social (Dutra Amorim, 2023). Esta abordagem, ao fazer a ponte entre o rural e o urbano, exemplifica uma tendência crescente de transformação das áreas urbanas em espaços mais sustentáveis e resilientes, como demonstrado pelo projeto Brooklyn Grange em Nova York, que se tornou um modelo de produção urbana de alimentos (Almeida & Engel, 2018). Na Região Metropolitana de Belém, no Brasil, diversas experiências agroecológicas, incluindo quilombos urbanos, hortas comunitárias e extrativismo urbano, demonstram o potencial para o desenvolvimento de cidades resilientes e inteligentes, ao mesmo tempo em que abordam a segurança alimentar, o emprego e a mitigação das mudanças climáticas (Costa *et al.*, 2022).

Em contextos urbanos brasileiros, as práticas agroflorestais têm se consolidado como uma ferramenta estratégica dentro de movimentos sociais e no planejamento urbano, desafiando as divisões tradicionais entre os espaços urbanos e rurais. Elas oferecem novas perspectivas sobre o desenvolvimento sustentável, especialmente nas periferias urbanas, onde a escassez de recursos e a degradação ambiental são questões cruciais (Proust e Coutinho, 2023). As agroflorestas urbanas podem trazer benefícios ambientais e socioeconômicos consideráveis, tais como: a aumento da segurança alimentar, a conservação da biodiversidade, a redução da poluição e a promoção da educação ambiental (Kabashima et al., 2019). Além disso, elas ajudam a aumentar as áreas permeáveis, o que contribui para a mitigação de inundações urbanas. No Brasil, diversos projetos de agroflorestas comunitárias urbanas têm sido implementados, criando espaços verdes e comunitários que favorecem a interação social e a aprendizagem sobre sustentabilidade (Carboni e Moço, 2023; Victório e Silva, 2020; Coutinho, 2010). Esses projetos frequentemente incluem uma grande diversidade de espécies vegetais, como árvores nativas e exóticas, arbustos e hortas, promovendo a conservação da biodiversidade local e a resiliência ecológica das cidades (Pereira e Figueiredo Neto, 2015).

Apesar das evidentes vantagens desses sistemas, a implementação de agroflorestas em áreas urbanas enfrenta desafios significativos. A adaptação das técnicas agroecológicas ao contexto urbano é um processo complexo, que demanda políticas públicas adequadas e uma participação efetiva do Estado nos diversos níveis de gestão. Para que isso se torne uma realidade, é essencial a articulação entre governos, comunidades e organizações sociais (Kabashima et al., 2019). Esse esforço deve também estar alinhado com o planejamento urbano que respeite as dinâmicas locais e necessidades específicas das comunidades envolvidas. Ainda que os obstáculos sejam consideráveis, a agrofloresta aplicada em contexto urbano se apresenta como uma alternativa promissora para a recuperação ambiental, o fortalecimento da agricultura urbana e a promoção de cidades mais sustentáveis. Ao contribuir para a melhoria da qualidade de vida nas periferias urbanas, essas práticas representam um passo importante em direção a um modelo de cidade mais justa, verde e inclusiva.

3 Metodologia

O trabalho trata-se de uma descrição do tipo relato de experiência, de um dos membros do Coletivo DATERRA. Busca relatar o início da plantação de uma agrofloresta em área urbana e os caminhos percorridos até o presente momento.

A ocupação Tereza de Benguela teve início no ano de 2019 e abriga cerca de 300 famílias que lutam pelo direito à moradia através do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto

(MTST). Fica localizada em uma área periférica do bairro Village Campestre 2, na capital Alagoana, Maceió.

O Coletivo DATERRA é composto por estudantes e trabalhadores que buscam transformar a realidade social e alimentar da população empobrecida pelo sistema capitalista, a partir da utilização e disseminação das técnicas de plantio agroecológico e agroflorestal, atuando em ocupações e assentamentos rurais e urbanos no estado de Alagoas desde 2020. O Guerrilha Poética é um coletivo de cultura e arte popular que milita pela causa da revolução socialista brasileira.

4 Resultados e Discussão

A atividade se inicia com mutirões para limpeza da área que se encontrava com uma grande quantidade de lixo. Após esse momento, os membros do Coletivo DATERRA se reúnem para planejar o desenho do Sistema Agroflorestal (SAF) e decidir onde conseguir os insumos necessários, entendendo todas as limitações e desafios presentes no caminho. O terreno destinado inicialmente ao SAF possuía uma área de 1200 m², e foi desenhado em esquema 60 x 20, com 7 linhas florestais e 7 metros entre linhas. Foi possível posteriormente aumentar o comprimento da área (FIGURA 1).

Figura 1. Área destinada ao plantio.



Fonte: Adaptado de Google Earth

As atividades foram organizadas em mutirões previamente divulgados para os moradores da ocupação e em redes sociais para que mais pessoas pudessem se envolver. A

ideia principal seguiu a linha da utilização do que se podia conseguir com maior facilidade nos entornos do território. Grande parte das mudas de Banana foram retiradas de um SAF localizado na Residência Universitária da UFAL devido à proximidade, o restante na própria ocupação. Mudanças de mamão foram produzidas. Mudanças de pitanga, acerola, laranja, seriguela, goiaba, abacate e manga foram recebidas como doação. Estacas de aroeira, gliricidia, margaridão e leucena foram retiradas das proximidades. Sementes de milho e feijão foram recebidas da Secretaria de Estado da Agricultura e Pecuária (SEAGRI).

A escolha do SAF foi por se tratar de um método eficiente e rico em efeitos positivos como a restauração de áreas degradadas, melhoria da qualidade do solo, favorecimento da fauna e destinado a produção de uma diversidade de alimentos mesmo em pequenos espaços. (Martins, 2019; Santos, 2020)

Para a implantação do sistema foi feito, inicialmente, a delimitação das linhas florestais e o plantio de milho e feijão nas entrelinhas. As linhas florestais tiveram como prioridade as mudas de banana e mamão que foram plantadas em maior quantidade respeitando o espaçamento de 2m entre plantas (FIGURA 2).

Figura 2. Plantio das Bananeiras



As frutíferas como abacate, manga, pitanga, acerola, goiaba, seriguela, azeitona roxa, abacaxi, laranja, limão e amora foram plantadas a medida em que se conseguia ou recebia mudas através de doação espontânea das pessoas envolvidas. As árvores como moringa, aroeira e gliricídia, além do margaridão, foram plantadas para produção de biomassa.

O milho e feijão foram colhidos nas festividades do São João. A atividade fez parte da programação do “Festival Novo Quilombo: Festa da colheita” organizado pelo Coletivo Guerrilha Poética na própria ocupação.

Os mutirões seguem acontecendo em dias de Quarta-feira e Sábado com um grupo ativo de moradores e não moradores. Sempre envolvem limpeza, plantio de novas mudas, adubações, podas entre outros tratos culturais. As plantas estão aos poucos se desenvolvendo junto com a macaxeiras nas entrelinhas (FIGURA 3).

Figura 3. Linhas florestais e macaxeira



A iniciativa tem criado um espaço de troca de saberes e experiências, onde os moradores não apenas fortalecem seus laços, mas também resgatam e revitalizam suas tradições culturais através do trabalho com a terra. Estudos em cidades brasileiras demonstram que as práticas de agricultura urbana em periferias e bairros de baixa renda promovem conexões sociais, promovem o empoderamento das mulheres e fortalecem os laços comunitários. (Ottmann *et al*, 2017; Portilho, 2021)

A maior parte dos moradores da ocupação são ex-moradores do campo, vítimas do êxodo rural, portanto, carregam dentro de si a cultura do trabalho com a terra, desde o conhecimento sobre as plantas às técnicas de plantios tradicionais, o que acarreta um

envolvimento participativo nas atividades. É de se destacar a participação predominante de mulheres negras nos mutirões de plantio, que dão duro para fazer chegar comida saudável na mesa da família. Ao promover a autogestão e a autonomia na produção de alimentos, a iniciativa oferece uma ferramenta poderosa para a emancipação das comunidades periféricas, combatendo diretamente o racismo ambiental que tem historicamente impactado as periferias de forma negativa, impondo barreiras ao acesso a recursos básicos e criando condições adversas para as populações marginalizadas (Souza e Silva, 2021; Miyamoto *et al.*, 2024). A atividade não só promove a segurança alimentar, mas também fortalece a identidade e o senso de pertencimento dessas populações, ampliando sua capacidade de resistir e prosperar em um contexto muitas vezes hostil.

O envolvimento das crianças é de se admirar, participaram de todas as atividades, preparo do solo, plantio das mudas e sementes e da tão esperada colheita. Ajudam em toda e qualquer ação, aprendendo no dia a dia dos plantios os saberes escondidos da mãe-terra, construindo assim o tão necessário futuro – em tempos de emergência climática – de uma relação harmônica com a natureza.

5 Conclusões

A iniciativa tem demonstrado um grande exemplo de participação e autonomia popular buscando incentivar a soberania alimentar para a promoção de segurança alimentar e nutricional de uma população esquecida pelo poder público e muito ainda pode ser feito. A ocupação Tereza de Benguela possui uma cozinha solidária e a melhoria da produção do terreno pode ser de grande auxílio, melhorando a qualidade e a complexidade nutricional dos alimentos que são oferecidos.

Recentemente a iniciativa foi contemplada com o Prêmio Periferia Viva, uma iniciativa do Ministério das Cidades, através da Secretaria Nacional de Periferias, se classificando em 9º lugar dos mais de mil inscritos na categoria Iniciativas Populares. Com isso, será possível a aquisição de melhores ferramentas para auxiliar nos plantios, implementação de um sistema de irrigação para melhor desenvolvimento das plantas, construção de um viveiro para produção de mudas e melhorias no cercado do terreno para segurança.

6 Agradecimentos

Às lideranças da ocupação por terem aceitado a proposta de intervenção dos coletivos e a todas e todos os moradores que participam das atividades pela motivação e força de vontade para trabalhar em prol da transformação do espaço em que vivem.

7 Referências

- AMORIM, L. D. A implementação da agroecologia nas cidades sob a perspectiva de segurança alimentar, sustentabilidade e saúde urbana. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, v. 16, n. 7, p. 7505–7519, 2023. DOI: 10.55905/revconv.16n.7-197. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/1209>. Acesso em: 25 nov. 2024.
- ALMEIDA, Giovana Goretti Feijó de; ENGEL, Vonja. Por um consumo sustentável: reflexões sobre agroecologia e agricultura no contexto urbano. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v. 15, n. 1, 2018. DOI: <https://doi.org/10.26767/771>.
- ALTIERI, Miguel A.; NICHOLLS, Clément. Agroecología urbana: diseño de granjas urbanas ricas en biodiversidad, productivas y resilientes. *Agro Sur*, v. 46, n. 2, p. 49-60, 2018. DOI: 10.4206/agrosur.2018.v46n2-07.
- ALTHAUS OTTMANN, M. M.; NAZARENO DA FONTE, N.; CARDOSO, N. A.; RAIZER DA CRUZ, M. Quintais urbanos: agricultura urbana na Favela do Parolin, no bairro Fanny e no bairro Lindóia, Curitiba, Paraná. *Revista Acadêmica Ciência Animal*, v. 9, n. 1, p. 101–109, 2011. DOI: 10.7213/cienciaanimal.v9i1.11114. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/cienciaanimal/article/view/11114>. Acesso em: 25 nov. 2024.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua: resumo dos indicadores*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 25 nov. 2024.
- CARBONI, M.; MOCO, V. M. Agrofloresta urbana comunitária. *Revista Fatecnológica da Fatec-Jahu*, v. 17, n. 1, p. 61-78, 10 ago. 2023.
- COUTINHO, Maura Neves. Agricultura urbana: práticas populares e sua inserção em políticas públicas. 2010. Disponível em: [URL da publicação]. Acesso em: 20 dez. 2024.
- COSTA, A. D.; SILVA, J. A. L.; OLIVEIRA, R. D.; RODRIGUES, E. T. Agroecologia e cidades: práticas agroecológicas na região metropolitana de Belém/PA. *Revista de Tecnologia & Gestão Sustentável*, v. 1, n. 3, 2022. DOI: 10.17271/rtgs.v1i3.3399. Disponível em: <https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/rtgs/article/view/3399>. Acesso em: 25 nov. 2024.
- DE PAULA, N. M.; SANTOS, V. F.; PEREIRA, W. A financeirização das commodities agrícolas e o sistema agroalimentar. *Estudos Sociedade e Agricultura*, v. 23, 2016.

GODOY, J. A. R.; BENINI, S. M. Resiliência urbana: políticas para enfrentar desastres naturais e mudanças climáticas. *Revista Políticas Públicas & Cidades*, v. 13, n. 1, p. e775, 2024. DOI: 10.23900/2359-1552v13n1-34-2024.

Disponível em: <https://journalppc.com/RPPC/article/view/775>. Acesso em: 25 nov. 2024.

KABASHIMA, Yukie; ANDRADE, Marcelo L. F.; GANDARA, Flávio B.; TOMAS, Fábio L. Sistemas agroflorestais em áreas urbanas. *Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana*, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 1-20, 2009. DOI: 10.5380/revsbau.v4i3.66408.

Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revsbau/article/view/66408>. Acesso em: 20 dez. 2024.

LIMA, L. G.; SOUSA, R. B.; SANTOS, F. D. Mundialização do capital,

imperialismo e fome: o trágico negócio global com alimentos. *Revista Geografia Econômica*, v. 12, p. 188–207, 2021. DOI: 10.33360/RGN.2318-2695.2021.II.P.188-207.

MARTINS, E. M.; SILVA, E. R. da; CAMPELLO, E. F. C.; RESENDE, A. S. de; LIMA, S. S. de; NOBRE, C. P.; CORREIA, M. E. F. O uso de sistemas

agroflorestais diversificados na restauração florestal na Mata Atlântica. *Ciência Florestal*, v. 29, n. 2, p. 632–648, 2019. DOI: 10.5902/1980509829050. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/cienciaflorestal/article/view/29050>. Acesso em: 25 nov. 2024.

MIYAMOTO, J.; DRACH, P.; DOS SANTOS PEREIRA PAES HENRIQUES,

M. Ecótonos urbanos: racismo ambiental e sindemia em favelas. *arq.urb*, n. 39, p. 696, 2024.

DOI: 10.37916/arq.urb.vi39.696. Disponível em:

<https://revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/696>. Acesso em: 25 nov. 2024.

PADRÃO, S. M. A agroecologia no contexto da pandemia de Covid-19: contribuições para a segurança alimentar e nutricional. *Interagir: pensando a extensão*, Rio de Janeiro, n. 33, p.

56–67, 2023. DOI: 10.12957/interag.2022.61415. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/interagir/article/view/61415>. Acesso em: 25 nov. 2024.

PEREIRA, Paulo Vinícius Miranda; FIGUEIREDO NETO, Leonardo Francisco. Conservação de espécies florestais: um estudo em quintais agroflorestais no município de Cáceres – MT.

Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental, Santa Maria, v. 19, n. 3, p. 783-793, set.-dez. 2015. *Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas – UFSM*. ISSN 2236-1170. DOI: 10.5902/2236117018364.

PORTILHO, M. S.; RODRIGUES, C. G.; FERNANDEZ, A. C. Cultivando

relações no Arranjo Local da Penha: a mobilização de mulheres a partir das práticas de agricultura urbana na favela. *Cidades, Comunidades e Territórios*, 2021.

SANTOS, W. M. dos; FARIA, L. R.; ROCHA, A. F. M.; VALE, L. S. R.; KRAN,

C. da S. Sistema agroflorestal na agricultura familiar. *Revista UFG*, Goiânia, v. 20, n. 26, 2020. DOI: 10.5216/revufg.v20.63772. Disponível em:

<https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63772>. Acesso em: 25 nov. 2024.

SILVA, A. F.; TASSARA, E. T. Sistemas Agroflorestais: ressignificação de vivências em

assentamento rural periurbano. *Dossiê: Psicologia Ambiental*, v. 45, n. 3, p. 328-339, jul.-set. 2014.

TORRENS, J. C. S. Sistemas agroalimentares: impactos e desafios num cenário pós-pandemia. *P2P e Inovação*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 192–211, 2020. DOI: 10.21721/p2p.2020v7n1.p192-211. Disponível em: <https://revista.ibict.br/p2p/article/view/5406>. Acesso em: 25 nov. 2024.

ICTÓRIO, Cristiane Pimentel; SILVA, Mayara Grazielle Consentino Ferreira da. Urban and community agroforestry: an experience in Campo Grande, West Zone of Rio de Janeiro. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 6, n. 19, p. e202034, 2 jan. 2020. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/14830>. Acesso em: 20 dez. 2024.